

Diretorial

Prezados Leitores Politécnicos, o jornal atrasou, mas não tá prenhe. Continua sem uma fisionomia definida, mas sequer esta Escola a tem. No dia em que houver uma Comissão Editorial nesta xonga, discutiremos sobre a linha do Politreco, seu

caráter divulgador, informativo, polemista, desavergonhado e cultural. Aliás, o frontispício deste número foi inspirada na capa dum disco do grupo de punk rock Sex Pistols. Um dos motivos é que o movimento do qual participavam pregava a autonomia

criativa, o Faça Você Mesmo. Nem que ainda não tenha aprendido como.

Eis o meu caso. Saudações Universotárias.


CID JUSTEN SANTANA

MANIFESTO AOS BIXOS

Rato

Bixos politécnicos, minhas cordiosas saudações universitárias. Este manifesto que redijo é para esclarecer você, veterano, e você, bicho. Eu falo a você como politécnico. Vocês devem perceber ou já perceberam que não houve trote este ano, com algumas exceções que não entram no contexto de uma grande festa de integração entre todos os politécnicos. Eu fiquei sabendo dos esforços de algumas pessoas (Grêmio, Centrinhos, etc. em tornar esta integração entre bixos e veteranos mais calorosa. Havia um grupo (" comissão de trote") que estava se organizando para dar um trote organizado. Parece que a proposta não foi aceita pela diretoria. Além disso, ela montou um fortíssimo esquema de segurança para garantir sua palavra que não haveria trote. A proposta dos alunos, pelo que fiquei sabendo, era razoável, o bixo faria a matrícula, depois iria para uma sala da mecânica onde haveria uma apresentação de como funciona a Poli e suas instituições e seguiria para as mesas do centrinho e Grêmio. Depois disso iria para uma área de trote organizado e de lá faria um passeio pela USP em ônibus e voltaria estando livre para pedagiar. Uma proposta razoável, mas não razoável para o nosso

diretor que deve estar achando que o politécnico não tem memória. Espero que ele esteja enganado.

O trote e a integração acabaram sendo tímidos. Havia idéias boas como o trote comunitário: os bixos ajudariam a limpar, pintar algum lugar da politécnica; visitas aos laboratórios, festa com outras unidades da USP, trotes tradicionais como o do pé direito e a única atividade que acabou saindo foi a palestra com o Mário Covas.

Por que o Landi não permitiu isso, não sei, mas acho que ele quer ficar famoso como o diretor que acabou com o trote, logo agora que a Poli vai completar 100 anos.

Não fiquem com raiva, não percam seu tempo. Não vai ficar muito bom na mídia que o diretor está brigado com o seu corpo discente. Por isso, espero que no futuro isso não se repita e prevaleça o espírito de união politécnica, que não é nome de escola de samba.

Agora só falta o diretor propor que os bixos dêem trote nos veteranos, pois se a situação continuar como está isto não vai estar muito longe de acontecer.

Rato é politécnico.

Comissão de Biênio

André Monteiro

Para tudo existe um porquê.

A Comissão de Biênio por si mesma já é uma novidade. Inovação maior será a forma como atuará na gestão de 92.

Até 1991 a Comissão de 1º Ano era responsável pela recepção e integração dos calouros entre si e destes com o Grêmio Politécnico. Examinando de forma atenta e cautelosa esta comissão, os diretores do GP levantaram alguns pontos: as relações entre os alunos após um ano ainda não é desejável; por motivos internos a gestão passada não pôde concretizá-la; os alunos do primeiro e segundo anos têm aulas basicamente no mesmo espaço físico - o biênio.

Por tais motivos foi decidido pela transformação da Comissão de 1º Ano em Comissão de Biênio. As atribuições são as mesmas, o que muda é o alvo. A partir de agora os primeiro e segundo anistas terão cuidado todo especial do Grêmio.

Mudar o nome e ampliar os beneficiados não era o bastante. Nossa gestão é ousada, tinha de ir mais adiante...

Utilizaremos métodos novos e mais eficazes de trabalho.

Cada grupo de três salas (do 1º e do 2º ano) estará ao cuidado direto e específico de um diretor e um colaborador. Todo e qualquer assunto que disser respeito a estes deverá ser tratado por eles, que, com certeza, saberão dar o encaminhamento adequado.

Para troca de informações e questões maiores, teremos periodicamente reuniões entre a comissão e os representantes de sala - peças fundamentais de ligação entre Grêmio e estudantes.

Durante o ano, inúmeras e variadas serão as atividades promovidas por esta comissão. Afinal de contas, nem só para resolver problemas vivemos.

O porquê do empenho do Grêmio para com os primeiros anos é simples: queremos proporcionar a melhor acolhida possível aos iniciantes, de forma que eles sintam-se rapidamente politécnicos unidos por um Grêmio com 90 anos de história.

André M. D'Almeida Monteiro é diretor da Comissão de Biênio do GP



Politreco

Divino e maravilhoso periódico do Grêmio Politécnico



Expediente

O Politreco é uma publicação "semanal" do Grêmio Politécnico Gestão "Todo Mundo Junto Agora".

"Staff" do Politreco:

- Alessandro Alle, Químico, ilustrador
- Cid J. Santana, Químico, diretor irresponsável, redator, digitador
- Jessian F. Cavalcanti, Elétrico, ilustrador marajá
- Paulo Fernando "Clark Kent" Silvestre Júnior, Elétrico, diagramador, redator, revisor, digitador

Colaboração:

- André M. D'Almeida Monteiro, diretor da Comissão de Biênio do GP
- Cheng, Jarinu, Paulinho, Sung e Chaves, exibotrónicos
- Guilherme, Mecânico
- Machado de Assis, escritor (in memoriam)
- Millôr Fernandes, jornalista
- Paulo Blikstein, presidente do GP.
- Paulo José, Produtivo

- Paulo Takaki, Marinheiro
- Ryuji Takase, Químico

Agradecimentos:

- ADUSP
- Johannes Gutemberg
- Abnegados leitores
- Prestativos colegas grampeadores

Politreco é o jornal do Grêmio Politécnico, sem fins lucrativos nem eleitoreiros. Ninguém está autorizado a angariar assinaturas. Se você receber alguém com esse propósito, tranque-o no banheiro e denuncie-o às autoridades competentes.

Escreva para o Politreco! Deixe seu texto com a secretária, na sala 16, identificado com nome e número USP, (manuscrito ou digitado em qualquer editor de textos comercial, em disquete identificado para devolução). Artigos sem identificação não serão publicados. São aceitos pseudônimos.

O GRÊMIO NÃO FAZ NADA? - 1

Paulo Blikstein

Você já deve ter se perguntado: para que serve o Grêmio Politécnico? O que ele faz? Ele faz alguma coisa?

As pessoas que trabalham no Grêmio são alunos como você e, portanto, já se fizeram as mesmas perguntas que você. A intenção aqui é esclarecer melhor a atual situação do Grêmio.

Hoje em dia as entidades estudantis estão numa crise grave. Você lembra que há alguns anos nós estávamos sob uma ditadura militar.

Essa ditadura durou mais de vinte anos e, como era de se esperar, se encarregou de destruir boa parte do Movimento Estudantil. Pode parecer inacreditável, mas os estudantes tinham uma força muito grande naquele tempo. As entidades estudantis tinham muita projeção e, inclusive, dinheiro.

O Grêmio, há algumas décadas, tinha uma gráfica, uma editora, um jornal, uma revista de Engenharia, duas lojas, construiu um prédio de 7 andares para moradia estudantil, mantinha uma campanha estadual de alfabetização de adultos, etc. Foi uma das maiores entidades civis do país.

O período militar aliado à incompetência e o descaso de algumas gestões fizeram com que perdêssemos boa parte disso. No início da década de iniciou-se o reerguimento do Grêmio. A tarefa, entretanto, não é fácil.

Você sabe que o trabalho no GP é totalmente voluntário, ou seja, os diretores não ganham nada. Além disso, as gestões duram apenas um ano. É complicado manter esse processo de recuperação com essa renovação grande e trabalho voluntário. Será, portanto, um processo de longo prazo.

Temos alguns problemas graves, que tomam muito tempo mas que não apacem diretamente aos alunos. Há mais de dez anos o GP perdeu alguns processos trabalhistas, que vem pagando até hoje. No ano passado, pagamos mais de 12 mil dólares. Esse ano, já pagamos Cr\$ 11 milhões, mas faltam outros Cr\$ 14 milhões que vencem em 30/06/92. Além disso, a Casa do Politécnico acumula dívidas de Cr\$ 20 milhões (IPTU, água e Luz, CON-TRU, etc.).

Temos quatro funcionários: uma secretária (Selma), um auxiliar administrativo

(Rodrigo) e dois balconistas na loja (Danilo e Rosângela). A folha de pagamento é de aproximadamente Cr\$ 900.000,00. Com o aumento do salário mínimo, esse valor deve dobrar. Além disso, temos as contas normais (telefone, assinaturas de revistas e jornais, manutenção das máquinas).

Você deve imaginar que para cobrir tantas despesas e dívidas temos uma grande fonte de renda. Engano. As únicas fontes de renda são o Xerox do Biênio (+/- Cr\$350 mil), a loja (+/- Cr\$ 400 mil) e a locação da Comphaus (+/- Cr\$ 400 mil). Existem ainda as inscrições que você pagou na matrícula (o Grêmio fica com +/- Cr\$ 10 mil). As lanchonetes, que são boas fontes de renda, pagam para os Centrinhos.

Como se não bastasse, fomos assaltados durante as férias (no dia da matrícula, 7/02). Boa parte do dinheiro das inscrições foi roubado do nosso cofre, que foi aberto. Fizemos a ocorrência e abrimos um inquérito na 93ª DP do Jaguaré, e aguardamos o resultado da investigação até o final de abril.

Como você vê, a situação não é tão simples como pode parecer. Temos que resolver todos esses problemas emergenciais e ficamos sem tempo e dinheiro para promover eventos para os alunos. Por isso, talvez você não tenha percebido muito a presença do Grêmio até agora, e você pode estar pensando que "o Grêmio não faz nada". Sim, ele faz, mas algumas das coisas não aparecem - ainda - diretamente para os alunos. Quem está interessado se vamos conseguir encerrar um processo trabalhista ou pagar as dívidas da Casa do Politécnico? São questões que passam longe do cotidiano do aluno, mas que nós não podemos deixar de cuidar, porque podem falir definitivamente o GP.

Para tentar resolver essa situação, estamos trabalhando em três frentes: conseguindo novas fontes de renda, valorizando a carteira (conseguindo novos convênios) e contando com a sua ajuda.

A importância do Grêmio para os alunos é evidente: não se pode viver cinco anos numa escola só estudando. Você certamente vai querer ir à festas, gincanas, palestras, ter um jornal interno, ter algumas salas para entretenimento, etc. Mas será que o Grêmio é um "balcão de serviços"? Não só. O MAIS IMPORTANTE é que você tem idéias: even-

tos, festas, publicações, etc. Como colocar em prática as suas idéias? É aí que entra a importância de uma ENTIDADE: dar infra-estrutura para que você realize a sua idéia.

Se você quer trazer um palestrante (como trouxemos Mário Covas) ou um grupo musical, o Grêmio pode ajudar com a divulgação (temos contato com jornais, TV, etc.), com a obtenção do patrocínio, com o espaço físico, com contato com outros Centros Acadêmicos, etc. A nossa idéia é que o Grêmio, além das suas atividades normais, seja uma ESTRUTURA DE APOIO às iniciativas dos alunos. Você vai continuar sendo o "dono" da sua idéia, o realizador do evento, mas vai se aproveitar da SUA entidade na parte de infra-estrutura.

Isso já funciona com a Semana de Arte da Poli, o Promopoli, a Convenção de Role-Playing Games, etc. Mas nós queremos mais! A Poli tem um enorme potencial.

A filosofia básica pessoas que trabalham no Grêmio é simples: não somos pais de ninguém. Chega daquele discurso vazio e chato do tipo "vocês devem se conscientizar", "nós temos a verdade", "nós somos esclarecidos". Chega também da politicagem que muitas vezes domina as entidades estudantis, de ficar discutindo muito e fazendo pouco.

Para transformar o Grêmio numa entidade útil e presente para os alunos, não basta que um pequeno grupo de pessoas trabalhe 24 horas por dia. Nos propomos a dar meios de participação, como o próprio Politreco. Mas não nos propomos a ficar querendo, a todo momento, "agradar" os alunos.

Nós, politécnicos, já saímos da infância. Se merecemos ter uma entidade que nos represente, é nossa responsabilidade colocá-la de pé.

Se você tem idéias, se você tem vontade de trabalhar, de escrever para o jornal ou mesmo participar da edição, se você tem experiência administrativa e quer nos ajudar; se você conhece pessoas que possam ajudar a SUA entidade com patrocínios e apoios; se você quer organizar uma palestra, NOS PROCURE. Vá à secretaria do Grêmio (sala 16) e pergunte por algum diretor do Grêmio.

Paulo Blikstein é aluno do terceiro ano de Engenharia Elétrica e presidente do Grêmio Politécnico.

PROJETO NASCENTE II

Paulo José

Atenção, artistas politécnicos! O "Projeto Nascente" está de volta, dando prêmio aos talentos da nossa universidade.

Este projeto, criado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP e contando com o patrocínio da Editora Abril, distribui prêmios em dinheiro para os melhores trabalhos de música, poesia, texto, dança,

teatro, vídeo/cinema, artes plásticas; um prêmio em cada área. Para participar, basta ser aluno da USP e levar seu trabalho ao favo 23 das colméias (conjunto de prédios junto ao Crusp). A inscrição é gratuita e o prêmio por área é de 5 milhões (atualizado pela TR). O último dia de inscrição é 30 de junho, mas não deixe para a última hora - a fila nos últimos dias costuma ser grande.

Ano passado muitos politécnicos concorreram

nas diversas áreas. Não ganhamos nenhum prêmio, mas enviamos muitos trabalhos que agora fazem parte de um banco de dados dos talentos artísticos da USP. Da Poli já saíram muitos artistas e escritores (Manoel Bandeira, Carlos Zara, Marcelo Tas, João Batista Andrade, entre outros). Vamos honrar essa tradição. Mãos à obra!

Paulo José é presidente do CAEP

“Estão acabando com uma tradição da Escola!”

O chamado “Trote Landinho” causou polêmica até mesmo entre os pais dos bixos

Paulo Clark Kent

Seguindo os apelos de “invente, tente, faça um 92 diferente”, da Rede Globo, o diretor da Escola Politécnica, professor **Francisco Romeu Landi**, resolveu iniciar as atividades estudantis deste ano com um toque próprio, muito “especial”. Organizando um esquema de segurança digno da visita do presidente, o diretor procurou coibir a ação dos *veteranos* presentes, que procuravam “integrar carinhosamente” os calouros ao ambiente politécnico. *Polêmica* talvez seja o melhor adjetivo para descrever a operação armada, com opiniões divergentes, até mesmo entre as pessoas que cuidavam da segurança. Cercou-se o prédio da Mecânica, onde foi a matrícula, por todos os lados. A única maneira de chegar até ele era uma das duas pontes sobre o Tejo, que estava lotada de seguranças. Uma viga, que passa sobre o córrego, na altura da Hidráulica, não estava vigiada, mas era impossível entrar no edifício pelas portas, bem guardadas. Mesmo assim, se um *veterano*, disposto a dar o trote, entrasse, iria se decepcionar ao encontrar seguranças dentro do prédio. Estimou-se na casa das dezenas o número de agentes presentes.

O que surgiu para evitar o trote violento acabou se tornando um amontoado de atitudes nem sempre condizentes com o objetivo inicial. Munidos de carta branca para brechar qualquer *veterano*, os agentes de segurança atrapalharam até mesmo aqueles que estavam lá para trabalhar junto aos órgãos acadêmicos, onde estavam sendo esperados. Perguntados se poderiam chamar alguém do Grêmio, que estivesse “do lado de dentro”, para esclarecer a situação, os seguranças negaram mesmo essa pequena ajuda. Um veterano reclamou que sofreu uma leve agressão de um dos professores presentes, fazendo questão de relatar o fato aos repórteres de plantão.

Alguns atos do próprio diretor causaram indignação entre os alunos, como recolhimento de potes de guache usados pelos *veteranos* para pintar os *bixos*. A resposta de um deles foi imediata e categórica: “Pode colocar todos os palavrões que encontrar”, disse. Um outro grupo discutia o motivo do professor Landi estar carregando uma máquina fotográfica. “Será que é para futuro reconhecimento dos *veteranos*?”, foi cogitado.

Curiosamente, alguns *bixos* ficaram um pouco confusos com a “ausência de trote”. Preparados para o pior, trouxeram até troca de roupa. Qual a “decepção” ao

verem que nada disso era necessário. Apesar de alguns terem saído de lá bastante sujos, bastava um esboço de reação para que o *bixo* fosse “libertado” por algum segurança.

Jefferson Edward Gizzi, 17, é *bixotrônico* (*bixo-mecatrônico*) e acha que o trote não deveria ser coibido. “Acho que deveria acabar a repressão, mesmo porque, no ano que vem, estarei aqui. Como todo *bixo* vai ser *veterano* um dia, o trote é instrutivo: temos que passar para os futuros *bixos*”, concluiu.

Obviamente, nem todos os *bixos* compartilhavam da idéia de Jefferson. Heloísa Helena Nogueira, 19, *bixete* da Civil, disse que o trote estava legal, mas “não acha muito certo”. Opiniões à parte, ela disse que estará presente na matrícula dos *bixos* no ano que vem, “mas só olhando”. Adriana “Cuca” Aparecida Cândido, 19, *bixete* da FAU, estava presente na matrícula com seu namorado e foi mais radical. “Acho certo (...) Tem que ter pena dos *bixinhos*”, brincou.

Os *veteranos* pareciam, por outro lado, bastante convictos em suas idéias. “Uma sacanagem! O trote é algo institucionalizado. Não deve haver controle assim, deve ser tudo livre. Apenas evitar os excessos”, informou Michael Amar Wachockier, 18, que cursa o 2º ano de Produção. Incerto sobre o futuro, James Gizzi, do 4º ano de Elétrica, afirmou que “nos anos seguintes, a gente vai ter que invadir os cursinhos”.

Os problemas foram estendidos às tradicionais brincadeiras. Devido às



dificuldades de se reunir um número grande de *bixos*, elas praticamente inexistentes. Palcos com música e microfones, para *declarações dos bixos*, não devem ser permitidos nos anos seguintes, ao contrário de anteriores. Segundo o professor Landi, “quando isso ocorreu, houve reclamações do pessoal do prédio, que não estava conseguindo trabalhar. São os *veteranos* que se divertem; os *bixos* vêm e vão embora. Não acho que é uma medida necessária”.

Um dos momentos de maior integração entre as velhas e novas turmas, o “Pedágio”, também sofreu restrições. Em vários casos, quando *veteranos* perguntavam ao *bixo* se ele gostaria de participar, os seguranças rapidamente “despachavam” o calouro, antes mesmo de ele esboçar uma resposta.

Aparentemente, o objetivo do professor Landi, ao montar seu esquema de repressão, chegando a ameaçar *veteranos* com suspensões, era proteger os calouros de excessos de alguns alunos, que se “entusiasmam”. Não há dúvida que conseguiu atingi-lo. O trote da Poli, que tem se tornado cada vez mais leve e simples, já pode ser inserido entre os mais fracos da USP. Fico imaginando a reação do diretor se soubesse que as *veteranas*, imitando trotes de algumas unidades da USP no interior, colocaram as *bixetes*, apenas de calcinhas e sutiãs, dentro de um chiqueiro, impedindo a sua saída enquanto não agarraressem o pobre leitãozinho, que corre desesperado das calouras.

Paulo Fernando Silvestre Júnior cursa o 3º ano de Engenharia de Eletricidade

Professor-segurança é contra a repressão

Da Reportagem Local

A divergência de opiniões atingiu todos os "segmentos" presentes na matrícula dos calouros deste ano, indo das seguranças até os pais dos *bixos*. Em todos os grupos, podia ser encontrados apoios e desaprovações ao sistema de recepção da diretoria da Escola.

Talvez o exemplo mais marcante seja o de um professor que estava ajudando a segurança. "O esquema é o seguinte: o trote é muito bom, serve para integrar. O que não pode acontecer é a humilhação. Alguns *bixos* já se machucaram no passado. Deve-se "defender", se o cara não quer. Às vezes, o cara é chato e não quer cortar o cabelo, mas, no primeiro dia, ele sabe que vão cortar. O problema é dele. Se resistir ainda, ele vai ser isolado pela própria turma. É regra universal", contou o professor, que recusou veementemente a se identificar. Se estivesse ao seu alcance, faria com que eu esquecesse do seu rosto.

Outros professores preferiram brincar com a situação. Cercado por alguns *veteranos*, o professor Trajano comentava: "o que você está vendo é um movimento ecológico: proteção ao *bixo*".

"Eu sou partidário do diálogo", informou o professor Antônio Marcos Massola, 47, vice-diretor da Escola Politécnica. Com muito bom humor, acrescentou que não se pode deixar os acertos entre alunos e a Escola para a última hora. "Acho bom tudo onde o aluno possa ser integrado, apenas não aprovo o trote ostensivo", terminando com umas "palmadinhas" em meu rosto, bem à moda italiana.

Ao contrário do que se podia esperar, os pais de *bixos* não são todos contra o trote. "Estou decepcionada... estão



acabando com uma tradição da Escola. Os alunos vêm para cá esperando o trote da Poli, ele é famoso! O que é isso? Muitos pais estavam reclamando, é um absurdo", comentou Edna Lúcia de Carvalho Assad, 46, mãe de um calouro. Ainda acrescentou que um *bixo*, ao ser "socorrido" pelo professor Landi, respondeu a este: "mas eu quero trote".

Felícia Sztajn, 42, também mãe de calouro, não parecia ser da mesma opinião. "Brincadeira, tudo bem, mas trote não (...) Já está careca, sou contra o trote", disse.

Ao contrário de anos anteriores, desta vez alguns pais se "integraram" aos *veteranos*. Um deles disse que estava se divertindo. Informou que tinha feito um ano de Poli, mas depois se mudou para a Arquitetura, onde se formou. Curiosamente, contou que foi, em seus tempos de Politécnica, da turma do professor Landi. Completou dizendo: "vou lá conversar com ele". Parece que alguns pais fizeram as

Diretor da Escola diz que trote foi tranquilo

Da Reportagem Local

O professor Francisco Romeu Landi, diretor da Escola Politécnica, gostou dos resultados do esquema de segurança montado pela diretoria para evitar excessos dos *veteranos*. Segundo ele, "quando fazemos um evento que envolve tanta gente, temos 700 alunos e com a segunda chamada chega a 800 alunos, fica tudo muito complicado. Há os interesses das entidades, da Atlética, do Grêmio, dos Centrinhos, e acaba havendo conflitos. Antes de ontem (5/2/92), tivemos uma reunião e não foi tranquila. Fui agredido, agredi também. Mas a matrícula está sendo tranquila. Temos aqui as lojinhas, o *shopping*... acho que isso é atraente para o pessoal que está chegando. Talvez o maior problema esteja lá fora. Temos que proibir a violência. Às vezes, o limite entre o civilizado e não-civilizado parece sumir."

El Magnifico POLITRECO!

Conheça algumas vantagens de se escrever para o **Politreco** e compare com os outros veículos da imprensa escrita:

- lido por um público de alto nível intelectual e econômico (toda a USP);
- maior tiragem entre os boletins da Escola Politécnica;
- biodegradável: não agride a natureza;
- distribuição gratuita, para ninguém dar a desculpa de que é muito caro;
- textos aceitos em qualquer papel (menos higiênico usado) ou processador de textos (disquetes).

Conheça seus representantes discentes

Congregação:

Irani Braga Ramos (Civil)
Ro Yung Jia (Elétrica)
Rogério Pedro Pinto (Civil)
Paulo Blikstein (Elétrica)
Andréa Duarte Canizares (Mecânica)

Conselho Técnico Administrativo:

Francisco E. Ferraro Alexandre (Naval)

Comiss.Cult. e Extensão Universitária:

Paulo José L. C. Pronchno (Produção)

Comissão de Graduação:

Marco Acifa (Naval)
Karime Brecailo Abib (Cubatão)
Arnaldo Bohn Nobre (Naval)

Conselhos dos Departamentos de:

Eng. de Construção Civil

Alex Boeta de Deus

Eng. de Estruturas E Fundações

Luiz Henrique Vargas de Lana

Eng. Hidráulica E Sanitária

Luiz Antônio Sene

Eng. de Transportes

Ricardo Tacoshi

Eng. De Comp. e Sistemas Digitais

Pedro Barelli

Eng. Eletrônica

Ricardo Arippol Grobman

Eng. Energ. E Autom. Elétrica

Artur Bonini do Prado

Eng. Mecânica

Newman dos Santos Avancini

Eng. De Minas

Abílio Laranjeira de Almeida

Eng. Metalúrgica

Carlos Henrique Saraiva Muzachio

Eng. Naval

Ricardo Consoni

Eng. De Produção

Dalton Shoji

APROVEITANDO O ESPAÇO DO JORNAL...

Ryuji Takase

Comumente assistimos, lemos e ouvimos dizer que "O Brasil tenta um novo acordo da dívida com credores internacionais"; "Investigações afirmam que governo federal desvia verbas..."; "Menores se prostituem nas ruas de São Paulo"; "Adolescentes de favelas se organizam em gangues...".

Diante dessas e demais desgraças que atingem grande parte da sociedade, qual é a postura do estudante politécnico?

Comumente... diz-se que é um "bitolado", "CDF", enfim, (usando o jargão da Humanas) é um alienado, mais um que vê a História acontecer e não aquele que faz a História acontecer.

Mentira !?

Não...Infelizmente...Não...

Se você é um bixo constatará isso, se já não constatou pelos papos que "rolam nas rodas", pelas atividades tidas ou feitas pelo politécnico.

Se você é verterano sabe do que eu estou falando ou então dirá: "Quanta besteira esse cara escreve !!". Não é ?

Por fa-vor !!! Não tô querendo "dar lição de moral" em ninguém. Repito: não quero "dar lição de moral" em ninguém.

O objetivo deste artigo é tentar provocar os leitores a verem que: estamos aqui (na USP) pelo e com o "respaldo de no mínimo 120 milhões de pessoas", o lugar onde vivemos e estudamos está mudando...para pior; a tempos se noticia, se fala na posição de sindicalistas, empresários, ambientalistas, OAB; ou seja, a opinião dos estudantes não tem peso algum para a opinião pública; que nós pensamos quase que somente em estágios, empresas, workshops e esquecemos a realidade social a nossa volta e suas implicações político-econômicas. Levando-se a discussão sob essa ótica (que nos interessa), tal realidade pode nos afetar na medida em que teremos um restrito mercado com poder aquisitivo acessível a nossos serviços como engenheiros; aumento da violência nas cidades,

enfim um círculo vicioso distanciando-nos dos padrões de cultura e tecnologia do 1º Mundo.

Tal raciocínio, de modo simplista e talvez viajante, quer mostrar a contradição de como nos revoltamos diante do padrão e o nível da Universidade comparado aos outros países e de como nos mostramos indiferentes às causas políticas e sociais disso.

A velha história: Reclama-se e nada se faz para se tentar mudar.

Como diria a minha amiga: "se a gente é a elite desse país, e somos assim, imagine como o 'povão' não é"...qual a perspectiva para o Brasil?"

É isso aí.

Opiniões a favor e especialmente contra espero que apareçam neste jornal, provocando o debate, incitando a, pelo menos, pensar no assunto. (ô loco, hem ?)

Pensar e escrever é pouco, mas é um começo.

Ryuji Takase cursa Engenharia Química

Mecatrônica, dilemas de uma Nova Engenharia

Dos ex-bixotônicos

"Mecatrônica?! Tá maluco ?! Se eu fizer mecatrônica eu vou ficar bobo!". "Mecatrônica? Impossível". "Ih, na mecatrônica só tem bitolado cuzão". Eu vou prestar Mecatrônica porque eu sempre quis fazer robzinho". (?!?)

Verdade é que o neologismo MECATRÔNICA, que já virou mito para boa parte dos vestibulandos exatos, é quase totalmente desconhecido fora do meio. Existem alguns mais desavisados que chegam a imaginar que seja marca de videocassete coreano. De fato, os bixos mecatrônicos de 1991 tiveram que suar o cardã para se fazerem entender. Para ilustrar esse fato, pescamos alguns fatos semi-verídicos entre a bixotônica de 91 (acreditamos que a turma deste ano também se identificará com eles).

Ei-los:

● Conta-se que um bixotônico do interior, ao contar a novidade a um conterrâneo seu, ouviu a resposta: "Ih!... Mais um desses cursos de peão...!"

● Outro caso: um bixotônico, veterano do segundo ano da Fatec, ao contar ao pai que teria de trancar Processamento de Dados, ouve a contrariada opinião deste: "Sei não, filho... primeiro termine a Fatec, depois você faz o curso que quiser...!"

● Outro: um bixotônico de ascendência taiwanesa recebe um telefonema dos avós,

do outro lado do mundo. Em taiwanês (ou mandarim, sei lá) ele exclama:

-Vô, passei em Mecatrônica na USP!

E o avô, desavisado:

-Ah... mas você não entrou no ITA ??

● Um bixotônico, após o "carinhoso" trote na inscrição (em 1991, o trote ainda era permitido, ao contrário deste ano, onde a recepção se resumiu a um patético cordão de isolamento), vai ao barbeiro dar um trato no que sobrou do cabelo. Lá, ele encontra um médico formado pela USP. Sucede um pequeno bate-papo e o médico dispara:

-Mas no que é mesmo que você entrou ?

-Mecatrônica...

-Ué, mas você não entrou na Poli ?

● Numa festa do Objetivo, outro bixotônico é apresentado a uma garota da Bio. Diz:

-Mecatrônica!

-O quê ?!?

-Mecânica e Eletrônica.

E a menina:

-Ai, que frescura...

Dois minutos depois, encontra uma veterana elétrica (da UNIP, claro): aquele tipo de menina gorda, burra e pedante que você já conheceu alguma vez na vida.

-BIXO! (reconhece pela reluzente falta de cabelo...). Você é bixo do quê, bixo ?

-Engenharia...

-Mas do quê, BITCHO ? - pergunta,

palitando os dentes.

-Por enquanto é ciclo básico, não importa a engenharia...

-MAS NO QUE VOCÊ ENTROU, BIXO?!?

-Mecânica, porra! - exclama nosso herói.

-Viu? Não doeu nada, viu, babaca. Presta de novo pra ver se você pega Mecatrônica. Meu namorado tá fazendo aqui na UNIP, falou que é ótimo...

Diplomaticamente então, nosso mecabixo (ou bixotônico, é tudo a mesma coisa) olha para o lado e desabafa: Ai que merda...!

Um adendo, para os bixos de 92: Nós, como típicos bixos que fomos, ainda estávamos mais preocupados em assistir aula do que em, contar nossas desventuras. Devido a essa burrice, só mandamos o artigo no final de 91 e o pessoal do Politreco, de boa vontade, o publicou ainda naquele ano. Mas a essa altura o artigo já havia perdido seu sentido.

Nós esperamos que toda a bixarada deste ano seja mais inteligente e não se iniba em escrever para o Politreco. VAMOS, DÊ A SUA CONTRIBUIÇÃO. Entre no time enquanto você tem tempo (...e nenhuma DP).

Cheng, Jarinu, Paulinho, Sung e Chaves foram bixotônicos (e este ano foram promovidos de bixos-burros para burros...)

Folha de S. Paulo e John Updike falam de Brasil

Guilherme

No dia 9 de março o escritor norte-americano John Updike deu uma palestra no auditório do jornal "Folha de S. Paulo", com tradução simultânea da Associação Alumni.

Foi recebido por um auditório lotado (foram distribuídos mais do que os sessenta convites previstos) e por um sistema de refrigeração vencido. Mesmo assim o escritor foi bem acolhido pela platéia e pelo forte calor dos trópicos, literalmente.

O sociólogo e professor da FFLCH-USP Paulo Sérgio Pinheiro ficou encarregado de comentar as palavras de Updike e apresentá-lo à platéia. Como ele disse: "Foi uma irresponsabilidade ter aceito a proposta de fazer esse comentário às palavras de Updike... Severo Gomes, quando fazia este mesmo papel na vinda de Jorge Luís Borges ao Brasil, disse ao público para não fazer um certo tom *blasé*, pois estavam diante do Homero dos nossos tempos. Agora digo: Não façam este tom *blasé*, vocês estão diante do Proust americano." Seguiram-se palmas e risos.

O escritor começou a palestra falando do seu primeiro contato com o Brasil, através dos desenhos de Walt Disney. E de como se interessou pelo país, após ter visto, em um filme, os movimentos do candomblé. Disse que a América Latina era vista nos EUA, antes da invasão portorriquenha e mexicana, como algo romântico e mítico.

Também comentou que começou a ter interesse pela literatura brasileira quando caiu em suas mãos um livro de Machado

de Assis ("Memórias Póstumas..."), e que logo a seguir pediu mais outro ("Dom Casmurro"). Falou a respeito de Machado, sua obra e seu tempo (mais tarde falaria que Machado e Clarice Lispector fazem parte, sem dúvida nenhuma, de um "world glass" de escritores; e que nunca lera uma escritora que tão bem descrevera a cabeça feminina).

Após explanar sobre literatura brasileira (Guimarães Rosa, Rubem Fonseca, Oswaldo França Jr.), falou sobre literatura latino-americana (Vargas Llosa, Garcia Marquez, Borges) e a influência das duas na sua obra. Revelou que sempre teve Borges com inspiração para escrever. Nessa análise geral, Updike disse que todos os romancistas norte-americanos tentam o "grande romance americano" e que, junto com os latino-americanos, têm uma influência da política em suas obras, mas os brasileiros não; e que escrevem ainda muito diferente uns dos outros. Conclui: "Esse povo parece não ter governo". Mais palmas e risos.

Continuou falando sobre seus livros e seu personagem, rapidamente comentou sobre os quatro romances ("Coelho Corre", "Coelho Sobe", "Coelho em Crise" e "Coelho Cai"). Seguiu-se Paulo Sérgio Pinheiro a explanar sobre o estilo de Updike e de como ele teve seu primeiro contato com o escritor em Nova Iorque. Pinheiro, com a modéstia que lhe é peculiar, fez um comentário preciso e elegante sobre a obra de Updike e a época dela (60/80), principalmente o final dos 60 e toda a agitação da juventude.

Respondendo algumas perguntas, ao

final da palestra, Updike disse que ao romancista cabe o exagero da realidade e a explicitação dos detalhes, pois só assim algumas pessoas conseguirão enxergá-los.

Demonstrando sensibilidade, comentou sobre o fato dos Estados Unidos da América não terem realmente um nome pátrio (estadunidense, como ele disse) e de que o seu povo, ao ser chamado de "americano" ou "norte-americano", está na realidade se apropriando de um adjetivo que é do continente inteiro.

Dando a desculpa de que o público estava até aquela hora no calor, sem ar condicionado, encerrou a palestra agradecendo a receptividade.

Após a palestra Updike seguiu para o Rio, nordeste e cidades históricas de Minas Gerais.

Guilherme cursa Engenharia Mecânica

Quem é John Updike?

É um dos mais respeitados críticos literários dos EUA, escreve na revista "New Yorker" desde o final da década de 50. Entretanto, é considerado o maior autor norte-americano deste final de século, pela série de livros sobre um personagem, Harry Rabbit Angstrom, o "Coelho", um americano médio, típico, que teve como grande glória ser o principal destaque na seleção de basquete do colegial na adolescência, mas que nunca mais irá ter esse "glamour" na vida. Citando Paulo Sérgio Pinheiro, "Updike é um mestre em descrever pequenas coisas do cotidiano com uma extrema delicadeza e serenidade."

Mudanças imutáveis (à maneira dos...chineses)

Millôr Fernandes

Olin-Pin, abastado negociante de óleos e arroz, vivia numa imponente mansão em Kin-Ti-Pê. A sua posição social e a sua mansão só não eram perfeitas porque, à direita e à esquerda da propriedade, havia dois ferreiros que ferravam ininterruptamente, tinindo e retinindo malhos, bigornas e ferraduras. Olin-Pin, muitas vezes sem dormir, dado o tim-pin-tin, pantan-pan a noite inteira, resolveu chamar os dois ferreiros, e ofereceu a eles 1000 iens de compensação, para que ambos se mudassem com suas ferrarias. Os dois ferreiros acharam tentadora a proposta (um ien, na época, valia mil dólares) e prometeram pensar no assunto com todo empenho. E pensaram. E com tanto empenho que, apenas dois dias depois, prevenidamente acompanhados de ad-

vogado, compareceram juntos diante de Olin-Pin. E assinaram contrato, cada um prometendo se mudar para outro lugar dentro de 24 horas. Olin-Pin pagou imediatamente os 1000 iens prometidos a cada um e foi dormir feliz, envolvido em lençóis de seda e adorável silêncio. Mas no dia seguinte acordou sobressaltado, os ouvidos estourando com o mesmo barulho de sempre. E, quando ia reclamar violentamente contra a quebra de contrato, verificou que não tinha o que reclamar. Os dois ferreiros tinham cumprido fielmente o que haviam prometido. Ambos tinham se mudado. O ferreiro da direita tinha se mudado pra esquerda e o da esquerda tinha se mudado pra direita.

MORAL: CUIDADO QUANDO A DIREITA E A ESQUERDA ESTÃO DE ACORDO.

MACHADO E A VIDA

Machado de Assis é um dos grandes autores da literatura universal. Mulato do morro, aprendeu francês com o padeiro do bairro e leu muito ao trabalhar numa tipografia. Eis o trecho duma crônica publicada em "A Semana", no dia 1º de janeiro de 1894:

"A vida, por exemplo, comparada a um banquete, é uma idéia felicíssima. Cada um de nós tem ali o seu lugar; uns retiram-se logo depois da sopa, outros antes do *coup du milieu*, não raros vão até a sobremesa. Tem havido casos em que o convidado tem estar comido, bebido e sentado. É o que os noticiários chamam de *macrôbio*...

Felizes esses! Não que o banquete seja sempre uma delícia. Há sopas execráveis, peixes podres e não poucas vezes esturro. Mas, uma vez que a gente se deixou vir para a mesa, melhor é ir farto dela, para não sentir saudades. Não se sente a marcha; vai-se pelos pés dos outros."

INTEGRA POLI 92'

Paulo Takaki

Foi uma maratona que começou às 12:00 e só acabou depois de muita disputa depois da 1:00 levando todos nós à exaustão, mais uma vez.

Prólogo

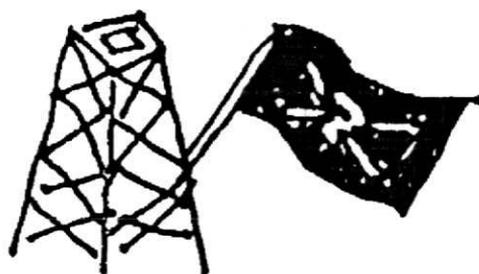
A Naval sempre se destacou nas competições de peso, saiu na frente na disputa do bandeirão inclusive contando com a ingestão de talheres: (desenho 1)



Entre uma prova e outra nosso diretor étlico distribuía generosas doses de aguardente com groselha enquanto que de tempos em tempos um carequinha se aproximava do grupo dos Navais para questionar o porquê da nossa torre. (desenho 2) Ora, gafanhoto, ela simboliza a exploração de petróleo que faz parte da engenharia Oceânica.

Na biga tivemos uma performance razoável mas a grande decepção veio com o cabo de guerra. Após uma vitória tranqüila, tivemos aquele incidente com os produzidos, caímos sobre os torcedores, daí... Passadas duas horas de mela-mela decidiu-se por uma nova disputa mas só sobraram um punhado de bichos magérrimos que mais pareciam seguidores de Gandhi, daí...

"Silence of the Lambs" ou



Ninguém cala esse Carneiro

É simplesmente inacreditável a sua onipresença. O primeiro feto que a Naval obteve era um carneirinho. Enviamos um bixo munido de uma polaroid para encontrar Dona Erundina, e no final de 3 fotos que figura surge do além em uma delas? Decidimos guardar esta foto, *just in case...*

Mais uma vez, os abonados fizeram uma superprodução do Integra Poli confir-



mando o estilo "rouba, mas faz" e grande parte desse esforço se deve ao Carneiro. Agora eles estão com nova camiseta. (desenho 3)

Outros Centrinhos

Os nossos vizinhos graxeiros

surpreenderam este ano pela energia que movia os membros da Klu-Klux-CAM exibindo com orgulho o abutre estampado no peito. Segundo uma fonte (sigilosa) que me contactou, e se identificou como mago do jogo Dungeons & Dragons, a KKC obteve o 2º lugar devido a uma oferenda (TV Mitsubishi, usada) aos céus e só não forma campeões porque regularam o aparelho de canal +. Foi o que me disseram...

Os azulejistas também estiveram bem, superando a crise do CEC que hoje enfrenta uma verdadeira guerra civil. Tem gente que apelidou a última diretoria (toda oriental) de CAC. Preconceito... Mas uma coisa é certa: tem centrinho que não sabe se dá cervejada ou chopada. Cerveja é Budweiser e *speak no more*.

The Day After

O que matou mesmo foi o diretório de sábado às 9:30. Foram instaladas diversas CPI's averiguando isso e aquilo. Na única colocação que fiz só faltou me



baterem com o Giacaglia. Peguei o triciclo e contornei o cirquinho em 1 minuto e 9 segundos. Lá pelas 12:40 eu deixei a sala, que ainda estava em pleno pregão... (desenho 4)

Sex Shop
"Sou atacadista e o produto está em falta no momento" -vendedor sobre cintos de castidade.

XV GP DA POLI

9 de maio
a partir das 8h
Rua do Matão

inscrições até 8/05

EXTRA !

Gil Gomes, conhecido Radialista e Repórter, apresenta todas as tardes o programa "Aqui e Agora" do SBT. Mas o que faz Gil Gomes às quartas e sextas de manhã?

A nossa reportagem descobriu...
Acredite, ele dá aula de PMC 113 na sala 24 sob o pseudônimo de Walter!

Incrível mas verdadeiro, vá verificar.